
ARTIGO DE REVISÃO

Entre flores e sepultura: a maternidade e o processo de perda de um filho

Between flowers and the grave: motherhood and the process of losing a child

Larissa de Araújo Batista Suárez

Universidade Católica de Pernambuco, E-mail: labsuarez@gmail.com

Milena Nunes Alves de Sousa

Centro Universitário de Patos, E-mail: minualsa@gmail.com

Marcus Túlio Caldas

Universidade Católica de Pernambuco, E-mail: marcustulio@uol.com.br

Resumo: Objetivou-se compreender a maternidade e o processo de perda de um filho. Trata-se de uma pesquisa de base bibliográfica. Sendo assim, com a finalidade de cumprir os objetivos da pesquisa, foram realizadas buscas sistemáticas em dissertações, *e-books* e livros clássicos, em bases nacionais e internacionais (Latino-Americana de Informação Bibliográfica em Ciências da Saúde, Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online), mediante o cruzamento das palavras-chave: “Psicologia”, “Logoterapia”, “Maternidade”, “Perda de um filho”, “Tipos de morte”, “Valores existenciais” e “Espiritualidade”. Em geral, foram localizados 68 trabalhos, depois de realizada uma análise detalhada, selecionaram-se 32 trabalhos a contribuir com a presente pesquisa. Os critérios de inclusão utilizados foram: pesquisas publicadas na íntegra; trabalhos clássicos nacionais e internacionais; estudos empíricos, teóricos e de revisão bibliográfica. Os critérios de exclusão da pesquisa são artigos antigos e estudos de áreas afins, que não envolvem uma perspectiva fundamentada na psicologia. Este trabalho apresentou de forma detalhada os principais fatores que tendem a ocorrer desde a maternidade até a perda de um filho, evidenciando as principais dificuldades e ações de enfrentamento diante do luto materno.

Palavras-chave: Maternidade; Perda de um filho; Tipos de morte; Valores existenciais e Espiritualidade.

Abstract: The general objective is to understand motherhood and the process of loss of a child. This is a bibliographical research. Thus, in order to fulfill the objectives of the research, systematic searches were conducted in dissertations, e-books and classic books, in national and international databases (Latin American databases of Bibliographic Information in Health Science, Google Scholar and Scientific Electronic Library Online), through the intersection of the keywords "Psychology", "Logotherapy", "Maternity", "Loss of a child", "Death types", "Existential values" and "Spirituality". In general, 68 papers were located, after a detailed analysis 32 papers were selected to contribute with the present research. The inclusion criteria used were: published research in the whole; classical national and international works; empirical, theoretical and bibliographic review studies. The exclusion criteria of the research are old articles and studies of related areas, which do not involve a perspective based on psychology. This work presented in detail the main factors that tend to occur from motherhood to the loss of a child, evidencing the main difficulties and actions of coping with maternal mourning.

Key words: Maternity; Loss of a child; Death types; Existential values and Spirituality.

Recebido em: 20/03/2020

Aprovado em: 16/05/2020



INTRODUÇÃO

A maternidade trata-se da relação entre mãe e filho, incluindo aspectos biológicos, sociológicos e afetivos, é um vínculo originado desde a concepção e perdura por todas as fases de desenvolvimento do filho.

Em diversas culturas ser mãe está associado a uma perspectiva de pureza, caridade, humildade e fortaleza, representa muitas vezes uma postura de santidade. A imagem materna é exaltada quando associada à figura de Maria que concedeu “sem pecado” Jesus e sofreu desde o seu nascimento até a sua morte (MALDONADO, 1991).

Segundo Bowlby (2015) faz parte da natureza humana estabelecer vínculos de proximidade uns com outros, com a finalidade de formar laços afetivos. Ribeiro (2002) romper vínculos, encerrar ciclos, finalizar relacionamentos, perder pessoas próximas e morrer, são considerados os maiores temores da humanidade. Nesse cenário, a psicologia fenomenológica busca compreender a vida e como o sentido de vida pode influenciar na forma de enfrentar a morte.

Para Combinato e Queiroz (2006) morrer representa um fenômeno natural à vida, no entanto, por mais que morrer seja a única certeza da humanidade, pensar sobre o assunto pode gerar desconforto, preocupação e aflição, pois o tema requer uma atenção que vai além da dimensão biológica, psicológica e social, ele se estende a dimensão noética.

Quando esse fenômeno dito natural à vida ocorre de forma prematura rompendo a relação mãe e filho, a dor surge como uma consequência intensa, sendo para a mãe um dos acontecimentos mais difíceis de aceitar. A morte de um filho, independentemente da idade ou causa, é a eventualidade mais apavorante e avassaladora que a figura materna pode enfrentar. No entanto, é importante ressaltar que a vivência do luto varia, ou seja, as pessoas enfrentam a perda de formas diferentes (FRANQUEIRA; MAGALHÃES, 2003).

MÉTODO

Com a finalidade de atingir as metas da pesquisa foi realizada uma busca sistemática livros clássicos em bases tradicionais e digitais, também foram consultados artigos na íntegra nas bases de dados digitais Latino-Americana de Informação Bibliográfica em Ciências da Saúde e Google Acadêmico, bem como na biblioteca virtual *Scientific Electronic Library Online*, mediante as palavras-chave “Maternidade”, “Perda de um filho”, “Tipos de morte”, “Valores existenciais” e “Espiritualidade”.

Foram utilizados quatro critérios de inclusão da pesquisa, o primeiro refere-se ao veículo de publicação, foram eles: periódicos indexados, livros e dissertações; o segundo critério é referente ao período de tempo, foram utilizados livros clássicos e artigos de 1991 a 2015; o terceiro critério foi referente ao idioma de publicação estando incluso português, espanhol e inglês; o quarto e último critério contemplou a modalidade de produção científica, utilizou-se de estudos empíricos, teóricos e de revisão bibliográfica.

Para análise dos dados foram definidas duas etapas, a primeira refere-se à quantitativa, na qual os trabalhos foram agrupados em nacionais ou internacionais; relato de empírico, teórico ou revisão; periódicos, livros e dissertação; na segunda etapa foi qualitativa, foram considerados apenas estudos que abordavam as temáticas: perda de um filho, morte e Logoterapia. Ao final foram utilizadas 32 pesquisas. Foram considerados como critério de exclusão trabalhos que não explanavam a natureza da pesquisa.

SER MÃE: A MATERNIDADE

Desde o início de suas pesquisas a Psicologia estuda a relação homem e mulher, e empenha-se em compreender as particularidades e detalhes da natureza feminina. Dentre as peculiaridades femininas está a capacidade de gestação. Segundo Ribeiro (2002) a mulher foi concebida como ser biológico capaz de em sua essência gerar um ser semelhante, promovendo assim sequência à raça humana.

Para Caron, Fonseca e Kompinsky (2000) a natureza humana é formada por um complexo biológico, psicológico, social e cultural, cada gênero traz em si suas potencialidades. Dentre as especificidades do gênero feminino está a maternidade, que se destaca por ser uma experiência singular e reveladora.

De acordo com Zimmermann *et al.* (2001) a formação de identidade feminina está diretamente ligada à maternidade, a mulher possui em todas as fases de desenvolvimento o instinto de ser mãe, suas ações mais simples são referentes a esse intento, tornando complexo diferenciar o querer inato e o estímulo social.

Segundo Caron, Fonseca e Kompinsky (2000) a capacidade de gerar um ser, proporciona a mulher sentimentos de responsabilidade, poder, posse, força e controle sobre a vida de alguém cuja existência depende diretamente dela. Nessa perspectiva, dentre as mudanças que ocorrem com a mulher no período de gestação, o corpo é o que possui maior destaque. Não há uma resposta universal de como cada mulher vai lidar com as transformações que uma gravidez provoca no corpo, as mulheres tendem a enfrentar essas mudanças de acordo com seus valores e suas influências sociais.

Estudo realizado por Brazelton (1992) enfatiza que os nove meses de gestação, nada mais são que nove etapas fundamentadas em aceitação, organização e estruturação da vida materna em prol da chegada de um filho.

No entanto, ser mãe não é apenas uma ação biológica, são práticas e atitudes que geram responsabilidade pela sobrevivência e bem-estar de um ser carente de cuidado, afeto e amor. Sendo assim, independentemente da quantidade de filhos, a mãe tende a desenvolver o cuidar de formas diferentes, tendo em vista que cada criança possui suas particularidades, potencialidades e limitações (SANTOS; MOURA, 2002).

Nessa perspectiva, Zimmermann *et al.* (2001) enfatizam que a construção da relação mãe e filho

depende de vários fatores que envolvem desde o contexto da gestação ou adoção até a rotina de vida da provedora. A construção da relação mãe-filho pode ser descrita pela Logoterapia através do sentido de amor. “O amor é a única maneira de captar o outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo” (FRANKL, 2008 p. 136).

O encontro com o outro somente se dá quando existe abertura para aceitá-lo da maneira que ele realmente é. Ninguém consegue ter plena abertura para conhecer outro ser humano se não amá-lo. Além disso, somente o amor o torna capaz de orientar o ser amado daquilo que ele pode e deveria vir a ser.

Para Bowlby (2015) a capacidade da mãe em proporcionar ao seu filho um desenvolvimento seguro e fundamentada em amor, tende a tornar essa criança um adulto forte e confiante. Sendo assim, cabe a mãe assumir a responsabilidade de cuidar, proteger e limitar o filho, com a finalidade de evitar que situações não desejadas aconteçam.

A MATERNIDADE DIANTE DA MORTE DE UM FILHO

Segundo Ergo e Faas (2004) a primeira reação materna diante da morte de um filho é a não aceitação. O pensamento inicial referente a não aceitação deriva da reflexão sobre a interrupção da ordem natural da vida: nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. A mãe espera não estar presente para ver seu filho cumprir seu ciclo natural, no entanto, em alguns casos o ciclo natural é rompido, causando dores indescritíveis na vida da mãe enlutada pela morte de seu filho.

De acordo com Pangrazzi (2008) diante da perda de um filho, manifestações de sentimentos e reações físicas são normais. A morte de um filho tende a repercutir na estrutura física do ser humano através de mudanças no sistema digestivo, circulatório, nervoso e glandular. Os enlutados tendem a apresentarem dores torácicas, dores de cabeça, perda de apetite, sensação de fraqueza, insônia, ausência de desejo sexual, momentos de pânico, entre outras.

No nível emocional a repercussão pela morte de um filho é intensa e latente, o enlutado pode entrar em estado de choque, reagindo a esse evento traumático de forma estática (assustado o enlutado fica incapaz de reagir) ou através de manifestações (entra em pânico e reage com atitudes histéricas, fica descrente dos fatos apresentando atitudes de não aceitação), a negação funciona como um anestésico para acalmar a dor e rejeitar os fatos (Pangrazzi, 2008).

Para Fonnegra (2001) quanto mais íntimo for o relacionamento mãe e filho, mais intensa será a dor da perda. A perda de um filho torna-se o rompimento na concretização de uma promessa, é a perda de uma parte de si, acompanhada pela ausência do próprio futuro. Para o enlutado, uma situação desprovida de lógica, respostas e explicações (BRICE, 1991).

Sendo assim, Ergo e Faas (2004) comparam a perda de um filho a um teste, o mais inexorável de todos, que confronta a mãe com sua própria finitude. E

ao enfrentá-lo com a necessidade de resignificar a vida, a existência guarda uma resposta pela qual a vida nunca foi preparada, a morte.

É impossível descrever a dor pela perda de um filho para aqueles que nunca tiveram essa experiência. Segundo Bretones (1995) só é possível compreender a dor e o sofrimento pela perda de um filho aqueles que já experienciaram. É uma dor que nunca deixa de doer, porque não existe fim para uma mãe. Quem perde um (a) esposo (a) é viúvo, quem perde os pais é órfão, mas aquela que perde um filho não há definição, só a dor e o silêncio.

Nesse cenário, o tipo de morte pode influenciar em fatores relevantes no processo de luto.

A morte, os tipos de morte e os principais fatores no processo de luto

Para Behar (2003) a morte é sem dúvida o medo mais terrível da humanidade, por esse motivo o homem tende a ignorar, rejeitar e designá-lo como um grande inimigo seu em vida. A ciência busca desde de suas primeiras pesquisas superar a morte, consegue através de seus estudos prolongar a vida, no entanto, até a presente pesquisa suas tentativas em vencer a morte são falhas.

Na vida existe uma única certeza, a morte. Não há vida sem morte. A morte é responsável por impor o fim na vida, antes mesmo do desfecho natural da existência.

Segundo Ergo e Faas (2004) a morte não deve ser superada ou evitada. A morte pode ser transcendida, através de ações e obras, a exemplo da doação de órgãos, de obras guardadas que com o tempo adquirem valores, entre outras formas. Sendo assim, é possível transcender a morte e ter uma vida de sentido.

Nesse cenário, um fator que deve ser levado em consideração na perda de um filho é o tipo de morte. Segundo Fonnegra (2001) a mesma pode ser de duas formas: a primeira trata-se da morte natural, resultante de uma sequência de falhas no funcionamento do corpo, ela pode ser súbita ou precoce; a segunda é a morte inesperada que acontece sem aviso prévio, geralmente suas consequências são traumáticas devido à situação prematura e calamitosa que ocorreu (homicídio, suicídio ou acidental). Como pode ser visto de forma detalhada no quadro 1.

A dor pela perda de um filho é única, no entanto, a dor pela morte e o tempo de luto tendem a variar de acordo com a circunstância em que ocorreu a fatalidade.

De acordo com Pangrazzi (2008) existem quatro fatores que devido sua relevância merecem um destaque diferenciado no processo de luto, são eles: causas da morte (a situação, idade da vítima, tipo de morte), relações com o falecido (papel social e o tipo de relacionamento), redes de suporte externo (comunidade, grupos de ajuda mútua, Igreja, entre outras instituições) e as características individuais do enlutado (os traços de personalidade, o estoicismo e as formas de enfrentamento).

Quadro 01: Tipos de morte

Tipo de Morte	Descrição
1. Morte Natural	1. Morte Súbita: Acontece repentinamente sem sintoma aparente decorrente de uma deficiência física ou de uma doença fulminante. Exemplos: Infarto fulminante, embolia pulmonar, arritmias malignas, acidente vascular cerebral, entre outras. 2. Morte Precoce: Resultante de uma patologia irremediável e irreversível, após um tempo a dor e o sofrimento resulta em fatalidade. Exemplos: câncer maligno, trombose cerebral, <i>Human Immunodeficiency Virus</i> - HIV, entre outros.
2. Morte Inesperada	1. Homicídio: Ação humana na qual envolve mais de uma pessoa “autor/vítima” que resulta em morte. Ele pode ser classificado como: Simples (assassinato sem agravantes cruéis), culposo (tem a culpa do ocorrido, mas sem intenção), qualificado (crime cometido por incentivo externo, quando ocorre de maneira premeditada) ou privilegiado (crimes motivados por valores sociais comuns). 2. Suicídio: Ação humana cujo propósito é causar a própria morte. Trata-se de um ato que ninguém espera, é traumático e violento. O suicídio pode ser classificado como egoísta (praticado por indivíduos que não estão integrados), altruísta (obediência a uma força social) ou anônimo (ocorre em períodos de transformação). 3. Acidental: Resultado de uma ação não planejada que resulta na privação da vida. Exemplos: afogamento, acidente automobilístico, desastre natural, entre outros.

Fonte: Fonnegra (2001), Ergo e Faas (2004), Bitencourt (2009) e Roccatagliata (2012).

Tais fatores são capazes de determinar as dimensões e intensidades do processo de luto, auxiliando o psicólogo a desenvolver a melhor intervenção no processo terapêutico de seus pacientes.

Bretones (1998) afirma que a Logoterapia identifica o processo de perda como uma situação de limitação, na qual o homem não possui controle sobre os acontecimentos e suas consequências. Sendo assim, são situações que envolvem a perda que colocam o homem face a face com a tríade trágica (morte, sofrimento e culpa). Nesse cenário, após a morte e o sofrimento, a culpa destaca-se por um período de tempo como protagonista no processo de luto causando tensões e conflitos entre os membros da família enlutada.

Culpa, tensões e conflitos no ambiente familiar após a morte de um filho

Diante da morte de um filho o sentimento que protagoniza a vida materna é a culpa. Worden (2013) em sua pesquisa sobre o tratamento do luto, afirma que a culpa conquista um grande espaço na perda devido à responsabilidade que é dada a uma mãe após o nascimento de seu filho, a responsabilidade de vida, e ver o filho morto pode gerar sentimento de impotência, incapacidade e culpa. Por esta razão, o autor refere-se a cinco tipos de culpa diante da morte de um filho, como pode ser visto no quadro 2.

Quadro 02: Cinco tipos de culpa diante da morte de um filho

Quadro 02: Cinco tipos de culpa diante da morte de um filho	Descrição
1. Culpa cultural	Diante da responsabilidade imposta pela sociedade sobre a mãe de proteger e cuidar do seu filho, a morte torna-se uma afronta a essa expectativa social.
2. A falha causal	Acontece em casos que a morte é consequência de negligência do responsável ou é causa de condições genéticas que envolve a hereditariedade.
3. Culpa moral	Caracterizada por crenças pré-definidas pela mãe em relação a causa morte, envolve infração moral em experiências de vida presente ou passada. Exemplo: Culpa residual de uma gravidez interrompida.
4. A culpa da sobrevivência	Nesses casos, a mãe tende a questionar sua própria vida, “Por que meu filho morreu e ainda estou viva?”. Ocorre frequentemente em situações que envolvem ambos no mesmo acidente.
5. Recuperação de culpa	Acontece quando a mãe acredita que a recuperação da perda desonra a memória do seu filho e que a sociedade tende a julgá-la negativamente. Sendo assim, a mãe passa a acreditar que abandonar a culpa significa desistir de uma maneira de estar conectado com meu filho.

Fonte: Worden (2013).

É importante ressaltar que no processo de perda de um filho o sentimento de culpa não

caracteriza um diagnóstico patológico, e sim o oposto, é natural e faz parte do processo de luto.

Nesse cenário, a saudade ganha espaço para ser vivida acompanhada do sofrimento, despertando o ser materno a uma intensa mudança de valores. Martins (2001) aborda em sua pesquisa sobre o viver e sentir da perda, que a morte é vista por uma mãe enlutada como uma eventualidade atípica que poderia ser evitada; é sentida como um fato que estabelece uma modificação

no curso da vida pela qual a mãe sempre tenderá a culpar-se.

Além da culpa, existem outras reações na dinâmica familiar que podem repercutir negativamente na vida de uma mãe enlutada gerando impactos na vida conjugal (Quadro 3).

Quadro 03: Principais reações na dinâmica familiar diante do luto de um filho

Quadro 03: Principais reações na dinâmica familiar diante do luto de um filho	Descrição
1. Dificuldade de aceitar a maneira de vivência da perda pelos demais membros	A escolha de como enfrentar um luto pode fazer com que os demais membros da família interpretem a ação de forma equivocada; Exemplo: tentar parecer muito forte diante de uma situação de perda pode ser interpretado como desinteresse.
2. Culpa entre os cônjuges	É habitual entre casais pensar, sentir e muitas vezes externar que o outro é de alguma forma responsável pela morte. Tais pensamentos podem gerar impaciência e irritabilidade na relação.
3. Relações Sexuais	Nesse período pode ocorrer que o desejo sexual aumente em um dos cônjuges enquanto o outro não tenha nenhum estímulo, gerando conflitos entre ambos.
4. Falta de sincronização na dor	A família pode não viver o momento de dor com o mesmo ritmo. Alguns sofrem mais reincidentemente, outros possuem mais capacidade de aceitação.
5. Outros irmãos	Caso o casal possua outros filhos devem ter consciência da dor fraterna e do quanto eles também podem desenvolver sentimento de impotência ou culpa. É importante que os cônjuges não negligencie os outros filhos.

Fonte: Ergo e Faas (2004).

Para Bretones (1998) de todas as situações que impõem limite à dinâmica familiar, a mais difícil de enfrentar é a perda. No entanto, as situações que impõem limites para a dinâmica familiar também despertam a necessidade de encontrar um novo sentido de vida, através de novas estratégias de enfrentamento.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DIANTE DA MORTE DE UM FILHO

O sofrimento se torna inevitável em várias situações da vida, diante de fatalidades que privam as pessoas de ter esperança, a vida convida o ser humano a mudar si mesmo, e enfrentar a dor em busca de sentido.

Segundo Bautista e Bazzino (2003) diante de uma perda é fundamental passar pelo processo de luto, enfrentar tudo que é difícil e doloroso, em busca de um alívio que permita que a dor seja suportada.

Sendo assim, diante das dificuldades encontradas pelo ser humano no ciclo vital, Frankl deu início em 1949 aos estudos sobre a autotranscendência, que se refere à capacidade humana de sair de si, superar-se e ultrapassar-se diante dores e limitações. Segundo Frankl (1990, p.66) "somente na medida em que se ultrapassa a si mesmo a serviço de uma causa, ou por amor a uma pessoa, é possível realizar-se".

Dentre as estratégias de enfrentamento do luto materno está o processo de recuperação por meio do sofrimento. Só diante do sofrimento é que é possível cessar o sofrimento, no entanto, findar o sofrimento requer percorrer um trajeto difícil e lento, que tende a motivar muitos a ficarem pelo meio do caminho,

apegados ao desânimo e a resistência em enfrentar e superar a dor.

A perda de um filho é uma experiência de ruptura, uma quebra entre conexões até então genuínas. Nesse cenário, o luto normal apresenta-se como um processo de rearticulação e readaptação a uma realidade diferente. Trata-se de um período de ressignificação positiva para o sofrimento, uma recriação do futuro (BAUTISTA; BAZZINO, 2003).

A vida questiona o enlutado sobre a validade de continuar vivendo ou apenas existindo, a resposta dependerá da possibilidade de encontrar um novo significado para sua existência. Fonnegra (2001) afirma que ressignificar a existência para uma mãe que ainda sofre a ausência do filho, é um processo gradual e acontece através do confronto com a dor, implica não apenas em reaprender o mundo externo alterado pela perda, mas em reaprender sobre o autoconhecimento.

Superar a morte de um filho é transcender a dor, transformando-a em uma aprendizagem significativa, fazendo do luto a realização de um valor, de um sentido e de si uma referência da vida, como pode ser visto no tópico a seguir.

Os valores existenciais no processo de ressignificação da perda

O tempo de vida destinado a existência de cada ser humano é incerto. Mesmo após a morte, a existência permanece conservada, a morte é considerada atemporal à caducidade da vida (FRANKL, 2005).

O desenvolvimento de valores existenciais ocorre pela realização tarefas concretas com direção

específica à existência. Reflete em um modelo de vida, uma forma de intervir no mundo, servindo ao outro de forma digna com a finalidade de amar mais as pessoas ao redor.

Segundo Frankl (2008) a logoterapia classifica os valores existenciais em três, são eles: os valores de criação, os valores de experiência e os valores de atitude, como pode ser visto abaixo no quadro 4.

Quadro 04: Os três Valores Existenciais

Valores existências	Descrição	Exemplos
1. Valores de atitude	É o posicionamento diante de situações irreparáveis ou irreversíveis, ou seja, a atitude diante da tríade trágica (morte, culpa e sofrimento).	Compaixão, altruísmo, humanitarismo, sacrifício, senso de humor, entre outros.
2. Valores experienciais	Valores descobertos no que é oferecido pelo mundo ao homem através da vida. A capacidade de escolha é evidente, podendo ser repetido ou eliminado.	Na experiência ao interagir com pessoas (amor e amizade), no contato com a natureza, entre outros.
3. Valores criativos	Ações focas no fazer, criar, atuar. O que é possível construir no mundo (criar ou inovar).	Atividades intelectuais: criação em arte, música, escrita, trabalhos, entre outras.

Fonte: Frankl (2008).

Segundo Frankl (2008) os valores de atitude são construídos diante de situações irreversíveis, após a aceitação dos fatos um leque de possibilidades se abre diante dos olhos do ser humano; os valores experimentais ou experienciais envolvem o acolhimento passivo do universo pelo eu; e os valores de criação que são concretizados a partir de atos.

Os valores existenciais não são apenas construídos pela felicidade, mas também pelo sofrimento a ser enfrentado. Mesmo diante de uma dor irreversível como a morte de um filho é possível desenvolver valores existenciais sejam eles de atitudes, experiências ou criações, a exemplo da espiritualidade como pode ser visto no tópico a seguir.

Espiritualidade, religiosidade e a continuidade do vínculo materno

A espiritualidade ou religião é definida por Park (2005) como uma busca intensa de ações e formas correlacionadas ao sagrado, essencial à aceitação de muitas pessoas, apesar da centralidade da espiritualidade variar de intensidade de uma pessoa para outra.

Segundo Lukas (1992) a abordagem frankliana apresenta em seus estudos a dimensão noética (do grego *nous*, relacionando-se ao espírito), abrange todas as particularidades que difere o homem dos demais animais. Para Fizzotti (1998) o ser humano é uma totalidade bio-psico-noética, sendo capaz de autotranscender através da percepção do outro como ser único e da consciência tendo potencial para encontrar o sentido exato de uma situação.

May (2003) correlaciona a autotranscendência e o aspecto religioso e considera essa ligação uma forma eficaz de superar o sofrimento. A finalidade de psicoterapia é a cura psíquica, a finalidade da religião é a salvação da alma, Frankl (2015) afirma que o homem crer em um sentido até o seu último momento de vida,

o ser humano que encontra resposta para o sentido de vida é um ser religioso.

A crença em um Deus denota viver uma vida de sentido, a fé religiosa é uma confiança no suprasentido. A religiosidade surge como possibilidade de encontrar sentido para o que aparentemente não tem.

Sendo assim, Franqueira e Magalhães (2013) afirmam que a religião tende a influenciar a vida da humanidade, para muitos a espiritualidade ou religião é vista como uma abordagem de vida, uma forma de ver o mundo em sua totalidade como algo bom, justo e coerente. Nas experiências de perda essa abordagem de vida pode sofrer influências culturais.

Nesse cenário, a compreensão da morte é interpretada por diferentes culturas e das mais diversas formas. Algumas interpretam a perda como uma ilusão, outras como uma fase fundamental para um futuro glorioso, alguns creem na eternidade, no reencontro do enlutado com o falecido, há crenças na alma que se desloca do corpo e mantém contato mesmo após a morte física (FRANQUEIRA; MAGALHÃES, 2013).

Diante de uma circunstância de perda algumas perspectivas religiosas oferecem suporte para compreender e superar perdas são suportes sociais entre eles estão: padres, pastores, congregação, rituais, grupos de encontro religiosos, entre outras ações que podem assistir o enlutado no processo de luto. Segundo Park e Halifax (2011) através de ações como essas os enlutados encontram novas formas de superar a perda, a ausência e a dor, encontrando a paz para retornar suas vidas diárias.

Park (2005) afirma que é possível pela religião conhecer o sentido para a situação de perda, o que deve enveredar-se há dois caminhos. O primeiro refere-se a ajudá-lo a ter uma visão positiva diante de aspectos negativos e a segunda proporcionar ações de ressignificação positivas sobre o evento e identificar benefícios que podem ser gerados a partir dela.

Existem relatos de pessoas enlutadas nos quais elas afirmam que a espiritualidade foi fundamental na reestruturação pessoal diante do processo de luto (MURPHY; JOHNSON, 2003).

No entanto Klass, Silverman e Nickman (1996) afirmam que manter o vínculo com o falecido nem sempre é saudável, tendo em vista que um vínculo contínuo com uma pessoa falecida é indicativo de patologia. Sendo assim, torna-se relevante observar como se dá a interação desse vínculo e se ocorrem às mudanças no decorrer do tempo.

No estudo realizado por Talbot (2002) sobre a transcendência do trauma e a vivência com perda, verificou-se que a ligação materna com o filho morto foi um fator relevante na reestruturação do luto materno chegado a ser considerado um fator de cura. As mães enlutadas desenvolveram várias ações de sentido com a finalidade de preservar a memória dos filhos, entre elas: a escrita de uma bibliografia, compondo poesias e realizando rituais (acender velas, realizar visitas ao cemitério e orações).

Em pesquisa realizada sobre o vínculo contínuo dos pais com filhos mortos por Klass (1993) o autor relata a relevância da participação dos enlutados em grupos que oferecem experiências mútuas. Através das partilhas realizadas nos grupos é possível manter a memória viva do filho falecido, tornando possível aos enlutados reconstruir a relações com seus filhos falecidos no mundo interno e social, sendo possível desenvolver um processo de luto mais saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos fundamentados na Logoterapia buscam a compreensão de experiências mediante sentidos e valores, visando aproximar-se do sentido da vida desenvolvidos diante de circunstâncias muitas vezes consideradas atípicas a “normalidade” das situações experienciais.

A presente pesquisa baseada em estudos bibliográficos fundamentou a maternidade e suas principais reações diante da perda de um filho, através de estudos estruturados na análise existencial foi possível identificar os principais fatores no processo de luto e compreender o relacionamento familiar após a perda de um filho.

Algumas estratégias de enfrentamento a morte foram delineadas com base em culturas diversas, os valores existências desenvolvidos pelo teórico Viktor Frankl foram abordadas como ações fundamentais no processo de ressignificação da dor diante da perda.

Por fim, foi possível identificar através de publicações nacionais e internacionais a relevância da espiritualidade no processo de reestruturação, a religião na continuidade do vínculo e a participação em grupos que oferecem experiências mútuas como fator fundamental para auxiliar na convivência com a falta e na reestruturação dos valores.

Nessa perspectiva, a partir dos aspectos identificados nessa literatura, tornam-se relevantes novas pesquisas nessa área de conhecimento que busquem aprofundar a relação de “desligamento” entre a mãe enlutada e o filho falecido, tendo em vista que se

refere a situações dolorosas enfrentadas por mães enlutadas capazes de gerar doenças no corpo e na alma.

REFERÊNCIAS

BAUTISTA, M.; BAZZINO, C. **Sanar la muerte de un ser querido**. Buenos Aires, Argentina: Editorial San Pablo, 2003.

BEHAR, M. **Un buen morir**. México: Pax México, 2003.

BITENCOURT, C. R. **Tratado de Direito Penal 2-Parte Especial – dos Crimes Contra a Pessoa**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOWLBY, J. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BRAZELTON, T. B. **As primeiras relações**. São Paulo. Martins Fontes, 1992.

BRETONES, F. **La Logoterapia es obvia**. Buenos Aires, Argentina: Editorial San Pablo, 1995.

BRETONES, F. **Logoterapia: apelación a la vida como tarea**. Buenos Aires, Argentina: Editorial San Pablo, 1998.

BRICE, C. W. What forever means: an empirical existential-phenomenological investigation of maternal mourning. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 22, p. 16-38, 1991.

CARON, N. A.; FONSECA, M. M. C.; KOMPINSKY, E. (2000). Aplicação da observação na ultra-sonografia obstétrica. *In*: CARON, N. A. (ed.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 209-16, 2006.

ERGO, B., FAAS, A. **Logoterapia e Duelo: Una Aproximación Teórica a La Asistencia Terapéutica de Padres que Han Perdido Hijos**. Universidad Empresarial Siglo 21, 2004.

FIZZOTTI, E. Busca de Sentido e/u Cura. *In*: TERRIN, A. N. (org). **Liturgia e Terapia: A sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade**. São Paulo: Paulinas, 1998.

FONNEGRA, I. **De cara a la muerte**. Cómo afrontar las penas, el dolor y la muerte para vivir plenamente. México: Andrés Bello, 2001.

FRANKL, V. E. **Em busca de um sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal/ Petrópolis: Vozes, 2008.

- FRANKL, V. E. **O Sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. 1. Ed. São Paulo, 2015.
- FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas: Papirus, 1990.
- FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida** – psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- FRANQUEIRA, A. R.; MAGALHÃES, A. S. **Destruídas ou transformadas**: o luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. 2013. 131fls. Dissertação [Mestrado em Psicologia] – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, 2013.
- KLASS, D. Solace and immortality: bereaved parents' continuing bond with their children. **Death Studies**, v. 17, p. 343-68, 1993.
- KLASS, D.; SILVERMAN, P.; NICKMAN, S. L. **Continuing bonds**: new understandings of grief. Washington, DC: Taylor & Francis, 1996.
- LUKAS, E. **Assistência Logoterapêutica** - Transição para uma psicologia humanizada. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MARTINS, G. **Laços atados**: A morte do jovem no discurso materno. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MURPHY, S.; JOHNSON, C. Finding meaning in a child's violent death. **Death Studies**, v. 27, p. 381-404, 2003.
- PANGRAZZI, A. **El duelo. Cómo elaborar positivamente las pérdidas humanas**. Buenos Aires: San Pablo, 2008.
- PARK, C. Religion as a meaning-making framework in coping with life stress. **Journal of Social Issues**, v. 61, n. 4, p. 707-29, 2005.
- PARK, C.; HALIFAX, R. J. Religion and Spirituality in Adjusting to Bereavement: Grief as Burden, Grief as Gift. In: NEIMEYER, R. et al. (Orgs). **Grief and bereavement in contemporary society**. New York: Routledge, 2011.
- RIBEIRO, C. S. **A influência dos transtornos afetivos do puerpério sobre a relação mãe – filho e o recém-nascido**. Sociedade Paulista de Psiquiatria Clínica, 2002. Disponível em: <http://www.sppc.med.br/mulher.html>. Acesso em: 10 março 2017.
- ROCCATAGLIATA, S. **Un hijo no puede morir**. La experiencia de seguir viviendo. México: Random House Mondadori, 2012.
- SANTOS, F. M. S.; MOURA, M. L. S. A relação mãe-bebê e o processo de entrada na creche: esboços de uma perspectiva sociocultural. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 88-97, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200011&script=sci_arttext&tIing=pt. Acesso em: 17 maio 2020.
- TALBOT, K. **What forever means after the death of a child**: transcending trauma, living with loss. New York: Brunner-Routledge, 2002.
- WORDEN, J. **El tratamiento del duelo**. Asesoramiento psicológico y terapia. 142o. Barcelona: Paidós Ibérica, 2013.
- ZIMMERMANN, A. *et al.* Gestação, Parto e Puerpério. In: EIZIRIK, C. L. (org). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 29-40.